

Marcellino de Barros, que deu outro exemplar ao Collegio das Missões em Sernache. Trazem-nas penduradas e tem-nas em casa para «livrarem de raio». Nos indigenas, mesmo no mato».

F. ALVES PEREIRA.

Meios de defesa dos archivos

O mundo externo procede em frente dos productos da humanidade sem respeito de qualquer especie, no que generaliza a lei da transformação constante de uns elementos noutros, lei que se encontra applicada aos productos criados directamente pela natureza. Por isso ao homem cumpre defender uns e outros, rodeando-os de cuidados taes que elles fujam do aniquilamento fatal. Sem reparos incessantes, os edificios, as estradas, as pontes e tantos outros beneficios materiaes da sociedade desapareceriam em poucos annos e a actividade das gerações anteriores seria baldada para as que se lhe seguissem. Por toda a parte o homem procura subtrahir-se á natureza, subjugando-a e transformando-a em seu proveito, já que lhe não é dado substitui-la. Esta obra que a humanidade apenas começa a delinear poderá ser considerada se anthropoformizarmos a natureza, como de soberba e de ingratição.

Mas não são apenas os productos materiaes da sociedade que necessitam de cuidados: os intellectuaes ainda necessitam d'elles e dos de mais acurada especie. Quando a doutrina da graça era geralmente acolhida como indubitavel, pouca importancia se dava á educação, isto é, á implantação mecanica dos conhecimentos das gerações passadas nas que se lhes tinham de seguir, ao mesmo tempo que se não conhecia a evolução a que elles estavam submettidos por falta de sentimento historico. A historia era, então, só anedoctica e pragmatica, considerando-se os livros de historia como romances moralizadores e de passatempo. Os archivos só serviam de arsenaes do direito de propriedade ou tombos¹.

¹ A apologia dos documentos escritos encontra-se no preambulo de muitos diplomas de D. Affonso III (1245-1279). Eis alguns, extrahidos do Livro 1 de *Doações*, fls. 21 v, 22, 25, 44 v, 106:

«Quoniam consuetudine que pro lege suscipitur et legis auctoritate didiscimus quod acta regum et principum scripto comendari debeant ut comendata ab hominum memoria non decidant et omnibus preterita presencialiter consistant. . .».

«Quoniam labilis est hominum memoria et rerum turbe non sufficit inuentum

Julgava-se, até bem perto de nós, que o maior inimigo dos archivos era o proprio homem, e por isso elles se guardavam aferrolhados em altas torres, dentro das quaes o ar só entrava coado por estreitas frestas. Evitava-se aquelle mal, e talvez se possa suppôr, que se o da Torre do Tombo não tivesse sido tão manuseado e tão reformado, elle contivesse hoje mais thesouros da Edade-Media do que contém, mas deixavam-se os documentos ser pasto das inclemencias do tempo e dos organismos nocivos.

Se quisermos saber o estado dos archivos em Portugal no fim do sec. XVIII, bastará folhear as *Observações de Diplomatica* de João Pedro Ribeiro para termos um quadro claro d'elle. Julgo que o investigador que se dedicasse hoje a esse trabalho não lhe faria muitas modificações. O proprio archivo da camara de Lisboa, installado nos paços da municipalidade, em edificio novo, tem a sede na parte mais humida e lobrega d'elle. Portanto, ainda que um archivo esteja installado num edificio que corresponda ao ideal de estabelecimentos d'aquella especie, ainda assim não terminarão as cautelas de que devem ser rodeados os documentos. A literatura sobre este assunto já conta alguns trabalhos valiosos, não só do punho de archivistas mas tambem de eruditos das sciencias naturaes.

No vol. XII, da nova serie, da *Archivalische Zeitschrift*, publicada pelo Archivo Geral Bávaro, de Munich, pp. 156-170, encontra-se um artigo intitulado «Notas para a conservação de documentos», de que é autor o professor particular da Real Escola Polytechnica de Munich, Baur, do qual tiro alguns processos que podem ser empregados entre nós.

O clima da Baviera é muito diverso do de Portugal, sendo o nosso superior ao d'aquelle para a conservação dos documentos. O principal inimigo do papel é a humidade, a qual não predomina entre nós senão no litoral entre os rios Minho e Mondego, região, todavia de alta

fuit scripture remedium ut facta mortalium firma fierent et ad posteros eorum testimonio seruarentur...».

«Quoniam ea que aguntur inter homines de facili ab eorum mentibus elabuntur nisi scriptura comprobentur et si scripta sunt eterne memorie infiguntur...».

«Quoniam antiqua temporis constitutione iuris debito consuetudo rationabilis penes omnes emerisit ut factorum series successuumque numerus fortunarumque euentus scripto comendentur et comendata ab hominum memoria non decident et omnibus preterita presencialiter consistant...».

«Quia labilis est hominum memoria ne laberentur cum tempore gesta mortalium diuina gratia prouidit humano generi ut ad posteros facta preterita possent tanquam presencia scripture testimonio reseruari...».

importancia historica, porque é nella que se desenrola a proto-historia da nossa nacionalidade, e é nella que se encontram os cartorios religiosos que nos ministram os unicos documentos conhecidos durante os primeiros quatro seculos. A parte portuguesa do interior e a que fica para o sul do Mondego é extremamente sêca, comparada com a Europa central. É aqui que está Lisboa, e nesta cidade o unico archivo de Portugal. A Baviera, que tem uma superficie menor do que o nosso país, conta nove archivos, uma direcção geral de archivos e uma revista exclusivamente dedicada a elles. Este facto é uma manifestação, entre muitas, da superioridade da sua educação sobre a nossa. A Baviera é todavia, como todos os paises do norte, uma nação pobre, a qual só á força de energia, economia e instrucção pôde valorizar productos que os povos do sul obtem com pouco trabalho e muita vozearia, favorecidos estes como são pela natureza.

O papel, não obstante a sua aparente delicadeza, é uma substancia extremamente resistente, quando fabricado com material de boa qualidade, como era todo o usado antigamente. O peor inimigo do papel é ainda, na temperatura ordinaria, a humidade. A agua transforma lentamente a cellulose numa materia soluvel (açucar). Este processo é tanto mais rapido quanto maior é a temperatura. Por isso as salas dos archivos devem ser frias e sêcas. Como o papel é uma substancia hygroscopica, tem a faculdade de absorver a agua que anda em suspensão no ar em maior ou menor quantidade. Este processo termina quando entra a saturação, a qual depende da temperatura e da quantidade de ar no vapor aquoso. Quando, pois, está feita a saturação e a atmospherá é favoravel, apparece agua liquida nos poros e na superficie do papel. Para evitar a condensação da agua é necessario então fazer pêntrar na sala ar novo e sêco, conhecendo-se essa necessidade pela leitura do hygrometro, instrumento que deve haver em todos os archivos.

A entrada franca do ar não é todavia isenta de prejuizo, vindo geralmente com elle o pó e esporos; por isso o ar filtrado pelos ventiladores seria preferivel á abertura de janelas e frestas.

Quando o ar dentro das salas do archivo está bem sêco é completamente inutil renová-lo. O melhor processo para guardar documentos é recolhê-los dentro de caixas de folha hermeticamente cerradas, tendo previamente aquecido o documento, com o que se exterminam todos os esporos. Este processo é o que se chama na bacteriologia *esterilizar*, para o que ha em todos os laboratorios aparelhos especiaes. Pôde-se aumentar a secura dentro das caixas collocando um frasco com qualquer substancia absorvente, por ex: chloreto de cal. A pratica todavia

ainda não póde declarar se a secura absoluta não trará comsigo desvantagens.

A solidificação da agua, não se verificando no nosso clima na proporção que acontece no norte, torna superfluo o aquecimento dos archivos para evitar o gelamento do papel.

O que se diz a respeito do papel póde applicar-se ao pergaminho, substancia que não sendo porosa offerece menor superficie atacavel pela humidade.

A humidade é perigosa para o papel e para o pergaminho, não só por si, mas tambem por favorecer a cultura das vegetações microscopicas, vulgarmente chamadas *bafio* e *mofo*, e as bacterias. Os esporos e germens d'estes organismos, que destroem rapidamente o papel e o pergaminho, existem em suspensão no ar. São fermentos que chamam os microbios ao papel. Tanto uma cousa como outra evita-se impedindo a queda do pó no documento, ou levando-o a uma estufa para o esterilizar.

Ha poucos annos descobriu-se uma substancia que tem a faculdade de conservar os manuscritos esphacelados, a qual se obtem dissolvendo celluloides em acetato de amil. Esta substancia, a que se deu o nome de *zapon*, cobre o papel com uma pellicula transparente e bastante forte para o tornar manuseavel. Ainda se mencionam dois outros processos para a conservação dos manuscritos fragmentados, mas que não parecem chamados a ter uso tão geral como o do *zapon*.

Depois da humidade e do bafio¹, os peores inimigos do papel são os insectos que prosperam admiravelmente nos livros, onde o cabedal, as capas de madeira, as tiras e a colla lhes dão fácil alimento. Contra estes organismos publicou C. Houlbert, em 1903, o livro intitulado *Les insectes ennemis des livres*, que é de suppôr seja do conhecimento dos individuos que superintendem nas bibliotecas e archivos.

As estantes de ferro tiram a possibilidade de existencia a muitas classes de insectos, e por isso as de madeira tendem a desaparecer dos archivos bem dirigidos.

O pó, quando de origem mineral, não é de grande prejuizo para o papel; apesar d'isso, é de conveniencia que os edificios dos archivos estejam collocados dentro de parques. O pó organico é prejudicial, principalmente o fumo do carvão de pedra por d'elle se desagregarem vapores sulfurosos com força sufficiente para destruir os documentos, como aniquilam a vegetação e órgãos respiratorios dos homens.

¹ No nosso clima o bafio não é um inimigo muito sensivel dos archivos.

A iluminação artificial não tem emprego entre nós para haver necessidade de mencioná-la. A luz solar directamente applicada produz desvantagens, pelo que são convenientes *stores*.

Ao passo que o papel exposto á luz ennegrece, a tinta torna-se clara, principalmente com as tintas modernas. O processo para fazer avivar a letra apagada é bastante conhecido para me referir aqui a elle.

É bem de ver que as observações aqui contidas podem tambem applicar-se aos museus.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Miscellanea

1. Historia da marinha de guerra

«Despacho effectuado em portaria de 19 do corrente mês. — Vice-Almirante, Cipriano Lopes de Andrade encarregado de inspecionar os archivos de marinha e ao mesmo tempo de colligir todos os documentos e mais subsidios para a historia da marinha de guerra nos seculos XVIII e XIX. Direcção Geral da Marinha, em 30 de Janeiro de 1906. — O Conselheiro Director Geral, *Guilherme de Brito Capello*».

(*Diario do Governo*, de 1 de Fevereiro de 1906, p. 426).

2. Regulamento do Chronista-Mor do Reino

«Ministerio do Reino. — Sendo necessario regular a execução do Decreto de 20 de Dezembro de 1838: Hei por bem Ordenar o seguinte:

Artigo 1.º As obrigações do Chronista Mór do Reino, podem ser desempenhadas, assim pela promptificação de um trabalho escripto, como pela leitura publica de prelecções em um curso regular e seguido, tendo qualquer delles por objecto a historia politica ou litteraria, a chronologica e archeologia nacional.

Art. 2.º No fim de cada anno, o Chronista Mór do Reino Me submeterá o programma de seus trabalhos para o anno seguinte: o qual, sendo por Mim approvedo, se fará publico no *Diario do Governo*.

§ unico. O programma exporá o objecto, systema geral, e extensão do trabalho historico que se ha de apromptar, ou o objecto e numero, e os dias e a hora das prelecções que se hão de lêr, ou ambas as cousas, se constar de ambas o programma.

Art. 3.º O curso de leituras pode constar de uma ou duas series, sendo o termo da primeira nos mezes de Abril, Maio e Junho e o termo da segunda nos mezes de Setembro, Outubro e Novembro.